

O SABER DOCENTE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA
NA ESCOLA E EM LÍNGUA PORTUGUESA:
interação, criatividade e experiência

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Moacir dos Santos da Silva

O SABER DOCENTE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA
NA ESCOLA E EM LÍNGUA PORTUGUESA:
interação, criatividade e experiência

LETRAPITAL

Copyright © Moacir dos Santos da Silva, 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico,
sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA E EDITORAÇÃO: Rian Narcizo Mariano

REVISÃO: Do autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S581s

Silva, Moacir dos Santos da, 1970-

O saber docente e a prática pedagógica na escola e em Língua Portuguesa: interação, criatividade e experiência / Moacir dos Santos da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

122 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-656-5

1. Professores de português - Formação. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino.
3. Prática de ensino. I. Título.

19-55748

CDD: 370.71

CDU: 37.026

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefone (21) 22153781 / 35532236
www.letrecapital.com.br

DEDICATÓRIA

*A Deus, que continua comigo por puro amor;
à **Elza Rodrigues e Jacy Ribeiro**, meus pais, dos quais muito
me orgulho, por uma organização de família inteligente,
pautada no amor, respeito, educação, diálogo e liberdade;
a minha esposa **Sirlene** e aos meus filhos
Ana Paula e Jacir Adriano, meus motivadores, companheiros e
cúmplices: parceiros de todas as horas, inclusive nas diferenças;
as minhas irmãs, **Alceni, Sueli e Consueli**, bases sólidas, junto com meus
pais, meus portos seguros com quem eu posso contar sempre;
aos cunhados e sobrinhos, em especial **Ana Aparecida**,
por comungar de minhas ideias, revisar os meus textos
e dar vazão aos meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor **Guilherme Domingues**, pelo respeito e carinho com as minhas ideias, pelas discussões enriquecedoras e pelo direcionamento pontual e organizado na elaboração do trabalho.

À Professora Doutora **Jane do Carmo Machado**, pela parceria e formação, além de ensinar-me a confiar e esperar.

Ao professor **Carlos Eduardo Rebuá**, pelo estímulo e incentivo à produção e por tornar possível o contato para esta publicação.

À minha família, pelo cuidado, amizade, companheirismo e por combinar acerca da minha ausência.

Aos amigos de turma, especialmente **Vanessa Serafim, Juliana e Consuelo** por tornarem esses dois anos de Mestrado mais fecundos e prazerosos com suas contribuições e parcerias.

Às diretoras, equipe gestora e coordenação das escolas macaenses, onde trabalho, pela paciência, companheirismo e ações para que este projeto de estudo se concretizasse.

Aos professores **Ricardo Valadão e Nabuco**, por ajudar a despertar em mim o interesse pela pós-graduação e a possibilidade da concretização de um sonho.

À **Nathalia Silva Pereira**, pelos ajustes técnicos e alinhamento do trabalho ao mundo digital com paciência, educação e competência.

À Secretaria Municipal de Educação, em especial a **Guto Garcia** e a **Balade Cristina** por acreditarem no trabalho e abrirem as portas para a pesquisa nas instituições de educação do município.

Aos professores e diretores das escolas e colégios municipais e estaduais de Macaé, que se dispuseram a participar do trabalho, de alguma forma: ajustando horários para que eu pudesse pesquisar e escrever; respondendo aos questionários e entrevistas; dentre outras.

Aos professores, equipe de gestão e coordenação da UCP, que além da instrução acadêmica, propiciaram-me condições, por meio da concessão de uma bolsa (Capes).

Sumário

Apresentação.....	11
Introdução	17
2 Profissão docente e saber	20
2.1 <i>A problemática da profissão docente e sua constituição</i>	21
2.2 <i>A questão da pluralidade do saber docente e o lugar da prática</i>	30
3 A prática docente na área de Língua Portuguesa e sua contribuição para um saber sistematizado.....	38
3.1 <i>A prática docente</i>	38
3.2 <i>A Língua Portuguesa e a contribuição da Linguística Funcional</i>	39
3.3 <i>Aspectos técnicos e conceituais no trabalho com a Linguística Funcionalista</i>	52
3.4 <i>O ensino da Língua Portuguesa segundo os parâmetros da Linguística Funcional</i>	55
4 As relações entre a prática docente em Língua Portuguesa e a Linguística Funcional	63
4.1 <i>O percurso metodológico alinhado</i>	63
4.2 <i>Os caminhos da pesquisa</i>	68
4.3 <i>As escolas – campo de pesquisa</i>	70
4.4 <i>Os professores participantes da pesquisa</i>	73
Considerações finais.....	113
Referências	118

Apresentação

A defesa de um ensino de qualidade faz parte do discurso da grande maioria das instituições de ensino na contemporaneidade. No entanto, isso se configura de uma forma peculiar: falar em educação, em nossos dias, é apresentar e questionar estatísticas, discutir resultados.

A amplitude no tocante à reflexão e análise sobre as questões que envolvem a prática, o saber e suas configurações nos espaços escolares apresentou novos elementos que vêm transformando esses lugares. Hoje é essencial não apenas uma aproximação da escola com a comunidade que a envolve, mas a adoção de alguns novos conceitos. Do ponto de vista dos professores são fundamentais, além de uma formação que inclua esses novos conceitos e procedimentos, a possibilidade de incorporar à prática as mais variadas experiências adquiridas na trajetória acadêmica e profissional. A história agora é outra. Passou a não ser admitida uma abordagem fechada em si mesma nem das instituições de ensino, nem dos professores.

Uma segunda questão que começou a fazer parte da discussão sobre educação, é a avaliação externa das instituições de ensino. Elas ranqueiam, separam, classificam e rotulam e, não só engendram, mas delimitam o trabalho educacional nas escolas com novas abordagens, inclusive aproximando-se dos procedimentos empresariais¹.

Dessa forma, as disciplinas, inclusive a de Língua Portuguesa, são submetidas a avaliações externas como a Prova Brasil e o Enem. Literalmente, a filosofia dos espaços escolares vem sendo modificada cotidianamente para atender às exigências do mercado que mais uma vez exalta o valor do sombrio e dominante capitalismo em nossos dias, associando boa educação a recursos financeiros e po-

¹ Maria Ciavatta aborda, em seu texto, “Políticas educacionais no Brasil” (2001), sobre os perigos de tais procedimentos e a linha tênue que envolve isso.

der econômico. Antônio Nóvoa² esclarece muito bem a disparidade entre a escola pública e privada, quando afirma que determinadas ações propiciam a criação e consolidação de escolas que privilegiam o ensino acadêmico e outras que acabam sendo meros espaços assistencialistas.

E essa distinção, com fundamentos ideológicos, que caracteriza as escolas do cotidiano, não se restringe apenas à distinção entre escolas públicas e particulares. Dentro das próprias públicas há as instituições com práticas e procedimentos que se alinham com esta ou aquela tendência. Quando um pai procura uma instituição para matricular o seu filho, essa escolha já reflete uma maior sintonia com uma das propostas de ensino.

É certo que a existência de um ranqueamento e o fato de que nem todos têm acesso às escolas de qualidade contribuem, diretamente, para uma desigualdade e um escalonamento de classes. O que se pode dizer ainda é que não há uma opção propriamente das instituições em privilegiar uma das duas ações, ou seja, elas não escolhem, com individualidade e autonomia plena, serem espaços, primordialmente de conhecimento ou mais de acolhimento e inserção social. Existe todo um histórico e intenções políticas (que envolvem pobreza, desconhecimento, alienação e exploração) que ancoram os fatos e que as tornam assim (NÓVOA, 2007, p. 12).

Mesmo sabedor das nuances que envolvem a educação e das dificuldades e disparidades que norteiam o ensino, assim como dos seus reflexos na vida das pessoas que dele se apropriam, o encantamento e o prazer fizeram e ainda fazem parte de minha história de vida em todos os anos em que inicio a rotina como professor de Língua Portuguesa, nas escolas em que atuo, desde 1994. Dentre todos os motivos, o que destaco é que houve aulas e professores que me convenceram, com suas práticas e especificidades, que o saber era importante e que o ensino poderia transformar a minha vida como, de fato, o fez.

² Discurso explicitado e defendido pelo autor no livreto “Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo” (2002).

Os professores que tive nortearam o meu caminho. Penso que fui privilegiado e que estive, no momento certo, nos lugares adequados. Com pessoas distintas, obtive o necessário para consolidar conhecimentos acadêmicos e de mundo. Não tenho como desmerecer isso: as escolas públicas em que estudei até o ensino médio, prepararam-me de forma digna e pontual. Deram-me o tom para que o gosto pelo saber fosse despertado, com metodologias variadas e com muito amor. No entanto, não diminuindo nenhuma outra disciplina, fui marcado, no cerne, pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura. Com eles, li, declamei, interpretei, cantei, sorri e entristeci. Um mundo diferente me foi apresentado pelas metáforas e entrelinhas ali trabalhadas e como diz Heráclito de Éfeso (540 a. C.): “Tu *não* podes descer *duas vezes* no *mesmo* rio, porque novas *águas* correm sempre sobre ti”. É inegável que fui afetado.

Assim, a pesquisa tem propiciado um caminhar por trilhos já percorridos, agora com novas reflexões que possibilitaram colocar em xeque algumas concepções sobre a aprendizagem, inclusive no que tange ao ensino da língua materna: houve uma interferência da Linguística Funcional³ na minha trajetória como professor? Em que medida?

Avaliando as ocorrências pessoais e as memórias, posso dizer que o texto em sua plenitude sempre representou o meu maior interesse no estudo da língua. Eu me deliciava quando recebia os livros de Língua Portuguesa e normalmente lia antecipadamente todos os textos, sem preocupação com as questões que viriam a partir dali. Era por puro prazer de entender e conhecer as histórias. E a preferência por textos mais enxutos, breves e coesos nasceu também dessa relação. Por isso hoje a preferência por contos, crônicas e poemas.

As questões do fazer ou refazer, do pensar ou refletir, do plantar e do colher, na prática dos professores, ficaram muito claras em minha vida, além de acarretarem lembranças de algumas músicas e obras de arte. O saber e o como fazer para torná-lo efetivo, con-

³ De acordo com Cunha; Costa e Cezario (2015), linguística funcionalista concebe a linguagem como um instrumento de interação social e seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical.

creto, duradouro, significativo fizeram parte de muitos discursos de pessoas envolvidas ao meu redor. E isso remeteu a uma música de Gilberto Gil (1975) que exalta a importância da espera, da plantação, da transformação e da colheita:

Abacateiro acataremos teu ato
Nós também somos do mato como o pato e o leão
Aguardaremos brincaremos no regato
Até que nos tragam frutos teu amor, teu coração
Abacateiro teu recolhimento é justamente
O significado da palavra temporão
Enquanto o tempo não trouxer teu abacate
Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão (...)
Refazendo tudo... Refazenda
Refazenda toda... Guariroba (GIL, 1975)

Até que se apresente posicionamentos mais consistentes, devidamente influenciado por um conhecimento científico, por uma aprendizagem; há de se ter ações, embates ideológicos e sociais e, espera. Esse período de vida escolar é essencial; também o é, nesse âmbito, a atuação dos professores para a “formação” social e cognitiva de um cidadão.

Como o ilustrado na citação, o tempo será primordial para que o fruto do abacateiro nasça, com o seu vigor e sabor preservados: na hora certa, com a qualidade necessária, respeitando um ciclo específico, onde ocorrerão outras colheitas como as do tomate e a do mamão, anteriores ao “fruto do desejo”.

Na realidade, o que sempre me moveu no estudo da língua foi essa possibilidade de descortinar o que estava escrito, descobrir novos sentidos e pisar em areias movediças que pudessem trazer incertezas, mas também uma leve possibilidade de descobertas, em que o novo tivesse vez e voz e que fosse pleno, sem fragmentações.

Assim, posso dizer que a poesia de Vinícius, como as histórias de Monteiro Lobato, no “Sítio do Pica – pau Amarelo” ou ainda as ficções e aventuras da série *Vagalume*, como o livro “Zezinho, o dono da porquinha preta” ou “O caso da Borboleta Atíria” foram cruciais para o encontro com a leitura e para fazer surgir o desejo

de estudar a língua. Existia a forte convicção de que saber português era um caminho certo para ressignificações, de que conhecer a integralidade de uma história propiciava o requinte de um sonho, com todas as nuances possíveis.

Uma confissão para mim mesmo, principalmente, é a necessidade de uma sala de aula, da inter-relação e do convívio com pessoas para a minha realização pessoal e profissional nesse ambiente.

Um dos meus orgulhos e (mais uma confissão) é de durante toda essa trajetória profissional, ter constantemente olhado para o lado e enxergado os meus pares: os seres humanos. Eu não sei em que momento específico, mas obras como “Aparição”, de Vergílio Ferreira, “O Mulato”, de Aluísio de Azevedo, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, “Cidade de Deus”, de Paulo Lins, “A cor púrpura”, de Steven Spielberg, “O som do coração”, de Kirsten Sheridan, “Rampa”, de Tânia Zagury e “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, representaram *“insights”* em minha vida e contribuíram na formação desse cidadão que oscila entre convicções e incertezas, diante da diversidade de conhecimentos, atitudes e de valores.

Goffman, por exemplo, sustenta que “toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, que a põe em contato, seja este face a face ou mediado, com outros participantes.” (GOFFMAN, 1980, p. 76).

Esses “encontros” cotidianos numa escola, em sala de aula, principalmente no ensino da língua, sempre os pensei como essenciais e preponderantes. Eles precisam propiciar situações de instigação, transformação, envolvimento e contextualização das pessoas. O ensino da gramática e da língua é, antes de tudo, para e pelo sujeito, não deve ser sempre uma esfinge a ser decifrada.

Daí o grande interesse pelo objeto de estudo: O saber docente e a prática pedagógica na escola e em Língua Portuguesa: interação, criatividade e experiência. É preciso muito mais do que uma decodificação e de argumentações pautadas em um benefício futuro, que acarrete em êxito e prosperidade para provocar o despertar sobre a importância do estudo da Língua Portuguesa. O ser feliz é para agora; urge o conhecer em sua plenitude. E a forma de ensinar, bem como a sua finalidade, podem contribuir, decisivamente, na

formação de cidadãos. Pauto-me aqui em linguistas como Irandé Antunes e Luís Antônio Marcuschi, que questionam atividades com textos, primeiramente direcionadas ao ensino da gramática, tratando outros aspectos superficialmente ou não os considerando. Em favor disso, Marcuschi (2008), afirma o seguinte:

Em resumo: mais do que uma forma a língua é uma forma de ação pela qual podemos agir fazendo coisas. Não se confunde com gramática, ortografia ou léxico. Em consequência, a língua se manifesta nos processos discursivos, no nível da enunciação, concretizando-se nos usos textuais mais variados. Não se dá na palavra isolada nem no enunciado solto. A língua é um sistema simbólico que pode significar muitas coisas, mas que não tem uma semântica imanente pronta nem plena autonomia significativa (MARCUSCHI, 2008, p. 240).

Entendo que esta é a visão que se coaduna com um ensino mais efetivo da língua, o que ao longo da minha vida como professor foi deixando de ser uma posição teórica e foi se tornando um conteúdo apropriado numa síntese entre a minha formação e a minha experiência.

Introdução

Uma questão amplamente debatida nos dias atuais é a da profissão docente, dos saberes que a constituem e do lugar dos saberes da prática como constituintes do saber docente. Na medida em que há um aprofundamento na compreensão dessa discussão, vê-se, como professor de Língua Portuguesa, a pluralidade dos saberes envolvidos no exercício da profissão, o que confirma a posição dos principais teóricos sobre o tema.

Dentre esses teóricos destaca-se Maurice Tardif (2013), que não só problematizou a questão da constituição da profissão docente e suas diversas “idades”, mas destacou e explicitou o caráter plural do saber docente.

Além dos saberes curriculares, das disciplinas, das ciências pedagógicas e das ideologias pedagógicas, Tardif (2014) destaca a importância dos saberes da experiência para a constituição do saber docente.

O autor reconhece que os saberes da experiência precisam ser objetivados e é de grande interesse a maneira como aborda a questão da objetivação pela interação entre pares e com todos os atores e fatores envolvidos na atividade docente. Porém, a discussão que norteou este estudo foi mostrar como uma ciência como a Linguística Funcional pode cumprir o seu papel de “ciência da pedagogia” e colaborar com um ensino efetivo da língua que leve em consideração contextos, idiosincrasias e cultura.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de tipo bibliográfica e de campo, envolvendo professores, escolas e colégios da Prefeitura Municipal de Macaé e do Estado do Rio de Janeiro. Investiga quais saberes embasam a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa de dez escolas/colégios do município de Macaé para o ensino da língua materna com vistas a identificar o quanto o saber de uma ciência, como a Linguística Funcional, se incorpora como saber às suas práticas.

Tendo tudo isso em foco, o objetivo da pesquisa era investigar quais saberes docentes embasam a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa de dez escolas do município de Macaé para o ensino da língua materna, tendo em vista verificar como uma dimensão relevante do saber docente, o das ciências e, especificamente, a Linguística Funcional, é incorporada à prática dos professores e verificar se estes saberes estão vinculados, ou não, ao ensino da Língua Portuguesa na perspectiva da Gramática Funcional. O que se pôde verificar é que há uma disposição, por parte dos docentes, de levar em conta os preceitos pertinentes à Linguística funcional; isso de forma consciente ou não e que tal situação vem interferindo positivamente no ensino da língua.

Procurou-se mostrar ainda, com a pesquisa de campo, como os conhecimentos provenientes dessa ciência têm se incorporado na prática dos professores e quais são alguns dos principais motivos de resistência para uma aplicação mais efetiva das particularidades pertinentes à Linguística.

Em vista do que se pretende, no segundo capítulo propomos uma discussão sobre a profissão docente e a história de sua constituição até que se tornasse estratégica para a sociedade e demandasse as exigências atuais quanto ao saber que devem possuir os professores. Essa discussão será conduzida, principalmente, sob a ótica de dois autores: Maurice Tardif e Menga Lüdke por suas contribuições e reflexões significativas e pertinentes na área. Isso ensejará que se discuta a questão do saber docente que se configurou como saber plural, que necessariamente incorpora não só saberes das disciplinas e curriculares, mas, especificamente, os saberes ligados à formação do professor enquanto professor: os saberes das ideologias pedagógicas e o das ciências pedagógicas. Em seguida, discute-se a importância de um último elemento constituinte do saber docente: o saber da experiência. No decorrer da argumentação, introduz-se condições da objetivação desse saber em síntese com os saberes da formação.

No terceiro capítulo, analisa-se a prática docente na área de Língua Portuguesa e a contribuição da Linguística Funcional para um saber sistematizado, de como ser mais eficaz no ensino da Lín-

gua Portuguesa, assim, percorre-se os caminhos sugeridos por Luis Antônio Marcuschi, Irlandé Antunes, Paulo Coimbra Guedes e outros autores, os quais põem em relevo a importância dessa ciência.

No quarto capítulo, dá-se voz ao discurso dos professores coletados a partir de questionários e entrevistas em que se busca identificar os fundamentos da prática de ensino de Língua Portuguesa do grupo pesquisado. Os questionários e entrevistas aplicados buscam revelar os seus saberes e suas práticas, deixando claras as suas preferências quanto à linha de abordagem, autores e estilos no trato com a Língua Portuguesa.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu analisar o protagonismo de um personagem ilustre no palco escolar, que é o professor, assim como identificar o quanto ele é autônomo no trato com o ensino da língua.

2

Profissão docente e saber

“**P**arece banal, mas um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros” (TARDIF, 2014, p. 31). A citação escolhida para iniciar este capítulo faz parte do livro *Saberes docentes e formação profissional*, do canadense Maurice Tardif, professor e pesquisador, formado em filosofia e sociologia, que participa de várias pesquisas no Brasil em intercâmbios com várias universidades brasileiras. Na contracapa desse mesmo livro há ainda alguns questionamentos que ele faz sobre o assunto:

Quais são os conhecimentos, o saber-fazer, as competências e as habilidades que os professores mobilizam diariamente, nas salas de aula e nas escolas, a fim de realizar concretamente as suas diversas tarefas? Qual é a natureza desses saberes? Como são adquiridos? Qual é o papel e o peso deles em relação aos outros conhecimentos que marcam a atividade educativa e o mundo escolar?, como os conhecimentos científicos e universitários que servem de base às matérias escolares, os conhecimentos culturais e os conhecimentos são incorporados nos programas escolares? (TARDIF, 2014).

Essas questões pautarão todo este capítulo, mas além da visão do autor citado, outros serão incorporados à discussão para uma melhor compreensão da questão do saber docente, que será desmembrada em três aspectos: a problemática da profissão docente e sua constituição; a questão da pluralidade do saber docente e o lugar do saber da experiência, além da questão da objetivação desse último tipo de saber.